

## **VERTICALIZAÇÃO NA INDÚSTRIA TÊXTIL: O CASO DA FIAÇÃO CEARÁ<sup>1</sup>**

**Marcos Antonio Bezerra Costa**

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José de Borba Vasconcelos -  
EEEFM José de Borba Vasconcelos - Ceará  
mabcquixada@bol.com.br

Recebido 01 de abril de 2005; revisado 01 de maio; aceito 15 de maio.

**Resumo** O objetivo central do presente artigo é discutir as transformações em curso no modo de produção capitalista, especificamente na indústria têxtil de fiação do estado do Ceará. A pesquisa tornar-se evidente, com graus diferenciados de interações, que a indústria têxtil tem avançado no sentido de sua verticalização produtiva. A análise se dará através de um estudo de caso na indústria têxtil Fiação Ceará. (Re)constrói-se o objeto a partir da experiência imediata (conhecimento empírico) e de sua crítica teórica, tomando a indústria têxtil como particularidade. Para fundamentar teoricamente e poder explicar, dividiu-se o estado da arte em dois conjuntos teóricos diversos e inter-relacionados: (1) a Escola de Regulação e a desintegração do modelo fordista nos anos 1970; (2) o centrado nas mudanças e na reestruturação produtiva que ocorrem no sistema capitalista, onde, segundo David Harvey (1993), o capitalismo sofre imensa mudança superficial em sua aparência.

**Palavras-chaves:** espaço, indústria têxtil, reestruturação produtiva, verticalização produtiva.

**Abstract:** The objective centric of the present article is to discuss the transformations in course in the way of capitalist production, specifically in the textile industry of spinning of the state of Ceará. The research to become evident, with differentiated degrees of interactions, that the textile industry has been moving forward in the sense of your

<sup>1</sup> Nome fictício da organização estudada.

productive upright. The analysis will feel through a case study in the industry textile Ceará Spinning. (Re)constructing the object from the immediate experience (empirical knowledge) and of its theoretical critic, taking the textile industry as particularity. To base theoretically and to explain, he became separated the state of the art in two several theoretical groups and interrelated: 1) the School of Regulation and the disintegration of the model fordista in the years 1970; 2) centered it in the changes and in the productive restructuring that happen in the capitalist system, where, second David Harvey (1993), the capitalism suffers immense superficial change in your appearance.

**Keywords:** space, textile industry, productive restructuring, productive upright.

## INTRODUÇÃO

O que se tem observado a partir da década de 1970 nos países industrializados, e mais recentemente nos demais países em processo de industrialização, é que a crescente complexidade dos sistemas organizacionais e dos equipamentos levou a um aumento desproporcional da necessidade de prestação de serviços auxiliares, e o atendimento desses serviços por meio de departamento internos às empresas passou a tornar-se, em muitos casos, onerosos e ineficientes, levando a necessidade de novas organizações com, estruturas mais “ enxutas ” ou simplificadas.

Desenvolvem-se unidades de produto interligado, porém com proprietários independentes, com baixo grau de integração vertical entre as empresas, dependendo umas das outras para uma faixa de atividades especializadas. A

descentralização e a diversificação figuram com destaque em todas as descrições da nova era. Mudanças recentes na Itália ilustram bem este fato, porque foram alguns desenvolvimentos ocorridos neste país que deram origem a estudos deste novo momento produtivo.

Ao estudar-se a cadeia produtiva têxtil cearense como atividade acadêmica do Mestrado em Geografia da Universidade Estadual do Ceará, onde (re)construiu-se o objeto a partir da experiência imediata (conhecimento empírico) — entende-se, concordando com Braverman (1987:10), que é necessária à combinação deste conhecimento (combinação que por definição quase sempre falta às nossas ciências sociais) com a acuidade teórica; para que se possa desenvolver melhor uma análise do problema, e então poder oferecer contribuição de inestimável importância para a compreensão da sociedade em que vivemos. Dificilmente, Marx, por exemplo, é uma exceção, se consegue analisar o processo do trabalho no regime capitalista sem sequer, ter sido implicado imediatamente nele, e fazê-lo com inexcedível brilho e percuciência — e da sua crítica teórica, quando se tomou a indústria têxtil como particularidade constatou-se que a desintegração vertical da produção não se aplica, pelo menos como regra geral, nas indústrias de fiações têxteis.

Sendo assim, o objetivo deste artigo é discutir as transformações em curso no modo de produção capitalista, especificamente na indústria têxtil de fiação do estado do Ceará. A análise se dará através de um estudo de caso na indústria têxtil Fiação Ceará.

## METODOLOGIA

A opção pelo estudo de caso como técnica de pesquisa deve-se a três fatores: a) o estudo de caso vem sendo uma estratégia comum de pesquisa nas ciências humanas, políticas e outras, pois permite compreender fenômenos sociais complexos; b) aproveitar-se-á o conhecimento e a facilidade que se tem para a aproximação do objeto; c) o estudo de caso é capaz de responder a questões de “como e por que” que focalizam fatos contemporâneos sem manejar comportamentos relevantes (YIN, 2001:32).

O esquema conceitual exposto, que foi usado neste trabalho, se confirma pela relação pertinente e direta com o projeto deste artigo e permite a constante busca de dados e informações co-relatas com a pesquisa. Com o desenvolvimento da pesquisa ocorreu busca constante de bibliografia relacionada à temática e as estratégias do estudo, fazendo busca por categorias do tipo: indústria têxtil, reestruturação produtiva e verticalização produtiva.

O estudo de caso permite também uma aproximação da realidade de fatos ainda não claros. Investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente esclarecido.

Esta aproximação envolve um conjunto de outras características, pois fenômeno e contexto, nem sempre se explicam por si só, nesta condição o método utiliza várias estratégias de coleta e análise de dados. Isto mostra que o estudo de caso não é uma técnica de coleta e análise de dados, mas uma estratégia de pesquisa, baseada em várias fontes de evidências convergentes a partir do de-

envolvimento de conjecturas teóricas para dirigir a investigação.

O campo da pesquisa, ou a empresa-caso é pertencente à cadeia produtiva têxtil e localiza-se na Região Metropolitana de Fortaleza – CE. Trata-se de uma das trinta maiores empresas dentre as indústrias de fiações, tecelagens e confecções do Brasil, sendo que apenas quatro destas empresas estão localizadas no estado do Ceará (GAZETA MERCANTIL, 1999:126-7).

Para fundamentar teoricamente e poder explicar, dividiu-se o estado da arte em dois conjuntos teóricos diversos e inter-relacionados: 1) inicialmente, discute-se a Escola de Regulação e a desintegração do modelo fordista nos anos 1970; 2) na seqüência as mudanças e a reestruturação produtiva que ocorrem no sistema capitalista mundial onde novas tecnologias alteram as relações de trabalho e dos sistemas de produção em bases sociais, econômicas e geográficas inteiramente distintas, onde, segundo David Harvey (1993), o capitalismo sofre imensa mudança superficial em sua aparência.

### **A ESCOLA DE REGULAÇÃO: DECLÍNIO DO FORDISMO E A ASCENSÃO DO MODELO FLEXÍVEL**

O regime de acumulação intensiva, baseado nas práticas fordistas de produção e consumo em massa, aliado ao modo de regulação monopolista e a presença do Estado intervencionista caracterizou o modo de desenvolvimento que serviu de suporte ao capitalismo pós-guerra. Este regime entra em crise. Os teóricos regulacionistas, pelo que se sabe, foram os primeiros a se preocupar com as transformações em curso no sistema de produção capitalista dos anos 1970.

Aglietta (1976) defendia ser necessário passar do plano abstrato da teoria

para o da realidade concreta, da realidade empírica, para aí pôr a descoberto a aparição do novo. Os resultados a que chega Aglietta permitem-lhe responder que existe uma crise estrutural cuja superação exige um novo modelo de regulação do sistema.

Para dar conta das transformações por que passa o modo de produção capitalista, este pensador se volta para análise do processo de trabalho, sua estruturação e sua organização. A partir de uma pesquisa empírica levada a cabo nos EUA, no período que vai da segunda metade de século XIX até os anos setenta do século seguinte, quando o modo de produção capitalista põe em marcha regularmente sistemas de forças produtivas capazes de associar intimamente mais-valia absoluta e mais-valia relativa. Seu fundamento é o princípio mecânico, que incorpora em sua forma de funcionamento as características dos trabalhos concretos previamente assumido pela agilidade dos trabalhadores (AGLIETTA, 1976:90).

Esse princípio mecânico encontra no taylorismo uma forma de organização do processo de trabalho, que tem como fundamento um conjunto de relações internas voltadas para acelerar o ritmo dos ciclos dos movimentos dos postos de trabalho e para diminuir o tempo morto da jornada e trabalho.

O fordismo aprofunda a intensificação do processo de trabalho taylorista por meio da cadeia semi-automática, que integra numa mesma unidade os diferentes segmentos do processo de trabalho, e através da atribuição de tarefas de acordo com o sistema de máquinas, que retira do trabalhador individual qualquer autonomia do trabalho.

Segundo Teixeira (1998:57) para complementar a análise de acumulação fordista, é necessário avançar para além da organização estritamente interna do processo de trabalho. É necessário discorrer sobre a chamada norma de consumo, que joga papel importante na configuração do regime intensivo de acumulação.

Para que se possa entender a importância da norma de consumo para o processo de acumulação de capital, é preciso ter presente que o modo de regulação fordista, segundo entende os teóricos da Escola de Regulação, exigiu uma radical separação dos trabalhadores dos meios de produção.

O consumo em massa é condição fundamental para sustentar o processo de acumulação. Sendo que a generalização da produção em massa cria uma demanda crescente por uma nova produção, se estabelecendo um ciclo virtuoso do crescimento.

A relação salarial fordista funda um padrão de acumulação assentado num crescimento relativamente equilibrado entre os dois setores da economia – o setor de bens de capital e o setor que produz bens de consumo. Entretanto, esse modo de regulação fordista encerra relações contraditórias, cujo desenvolvimento tem como resultado a crise do regime intensivo de acumulação, a partir dos anos setenta.

Esta, inicialmente, é uma crise do modo de organização interna do processo de trabalho através dos seguintes pontos: primeiro, a elevação do tempo com o desequilíbrio na cadeia de produção; segundo, a intensificação do trabalho e seus efeitos sobre o equilíbrio psicológico e fisiológico dos trabalhadores; final-

mente, o terceiro motivo que estabelece limites internos do processo de trabalho deve-se ao rompimento do vínculo entre esforço e salário (AGLIETTA, 1976:97-8). Por conta disso este pensador afirma que o capital não conseguia mais fomentar nem o individualismo nem a motivação de trabalho através da política artificial de diferenciação de salários.

Essas prospecções especulativas, adiantadas por Aglietta (1976), viriam a se confirmar na prática na década seguinte. Para Coriat (1994), a reestruturação produtiva, no mundo ocidental, assume três tipos factíveis e distintos de regulação: uma regulação imposta, tal como vem ocorrendo na Inglaterra e nos EUA; uma regulação estimulada, enquanto expressão do modelo japonês; por último, uma regulação negociada, que preservaria os trabalhadores do poder discricionário das gerências, impossibilitando, assim, de condicionar o cumprimento do acordo ao desempenho dos empregados. O autor entende que independente da configuração que tomar, todas elas serão, em maior ou menor grau, uma imitação do modelo japonês.

## **PENSANDO A TRANSIÇÃO: NOVAS FORMAS DE PRODUÇÃO E DE TRABALHO**

Como se viu na seção anterior, a sociedade de consumo e de produção em massa promovida pela acumulação capitalista fordista, revela sua incapacidade de continuar promover o crescimento econômico e a manutenção da realização do lucro na crise do início dos anos setenta do século passado. A crise detonada pelos problemas do petróleo revelaria, então, um novo período caracterizado pela inflação, desemprego estrutural, déficit público e recessão.

Para Harvey, de modo geral, o período de 1965 a 1973 tornou cada vez mais evidente a incapacidade do fordismo e do keynesianismo de conter as contradições inerentes ao capitalismo. Existiam problemas com a rigidez dos investimentos de capital fixo de larga escala e de longo prazo em sistemas de produção em massa que impediam flexibilidade de planejamento e presumiam crescimento estável em mercados de consumo. Rigidez também nos mercados, na alocação e nos contratos de trabalho. E, assim, começou a onda inflacionária que acabaria por afundar a expansão pós-guerra (HARVEY, 1993:135-6).

Harvey aponta um outro fator na passagem do fordismo ao novo modelo da produção capitalista que se apresenta, é a “drástica” redução do tempo de giro pelo uso de novas tecnologias produtivas (automação, robôs) e de novas formas organizacionais (como o gerenciamento de estoques, que corta dramaticamente a quantidade de material necessário para manter a produção fluindo). O autor alia tudo isso a redução do tempo de giro do consumo e da vida útil de um produto, pois, a vida de uma mercadoria fordista típica, por exemplo, era de cinco a sete anos, mas o novo modelo de acumulação diminui esse tempo em mais da metade em certos setores (como o têxtil e o do vestuário), enquanto outros, por exemplo, videogames e programas de computador, a meia vida está caindo para períodos cada vez menores (HARVEY, 1993:148).

A saturação dos rígidos padrões da acumulação fordista e de suas forças produtivas cede vez a um novo conjunto de forças produtivas como a micro-eletrônica, as biotecnologias e a sofisticada estrutura de serviços organizados em um novo padrão flexível de acumulação capitalista. A informática, o just-in-time, a qualidade, a automação, as redes de mercados, a logística, a terceirização,

o marketing, as sub-contratações, as franquias, o decréscimo numérico do proletariado e a desindustrialização desenham um novo mundo, um novo estilo de vida e uma nova sociedade com novos padrões culturais, artísticos e estéticos.

O momento de transição é intrinsecamente relacionado à condição histórica contemporânea e baseado em elementos que definem o que Harvey chama de modo de acumulação flexível. Este novo momento é marcado por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ele se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores da produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento e de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional (HARVEY, 1993:140).

No capitalismo surge à compressão do espaço-tempo, nele os horizontes temporais das tomadas de decisões privada e pública se estreita, enquanto a comunicação via satélite e a queda dos custos de transportes possibilitam cada vez mais a difusão imediata dessas decisões num menor espaço de tempo. Essa revolução no setor de comunicação e de transporte gerou lucros cada vez maiores para os donos de indústrias.

Segundo Kumar (1997:76) é cedo demais para julgar os fenômenos do pós-fordismo em termos de acontecimentos que marcaram época. Reconhece que houve mudanças na década de 1920 — a implantação da linha de montagem, a aplicação do taylorismo a vários ramos da indústria. Como também ocorreram mudanças nas décadas de 1970 e 1980 — para movimento em direção a produ-

tos sob medida, a fragmentação da força de trabalho, certo grau de desintegração das empresas e descentralização da produção.

Estes conjuntos de mudanças são importantes, mas nenhum deles assinala um rompimento fundamental na ordem do modelo de produção capitalista industrial. Tudo isso pode ser interpretado como manifestações do dinamismo tecnológico e de inovações revolucionárias constantes na produção, que eram inerentes, desde o início, à Revolução Industrial. Quanto ao surgimento de novos aspectos, eles podem ser atribuídos principalmente à crescente internacionalização e globalização da produção que, mais uma vez, eram inerentes ao capitalismo desde os seus primeiros dias (KUMAR, 1997:76).

Em suma, basicamente, esta breve discussão sugere que a estrutura dominante, de capitalismo nacional “organizado” foi fendida, e que as principais causas para a ocorrência de desintegração vertical, em síntese, são quando: as empresas procuram diminuir os seus custos com o trabalho; as operações envolvidas demandam pesados investimentos em capital fixo; os custos das transações internas superam os custos das transações externas; e finalmente os custos transacionais são baixos, ou seja, a firma tem fácil acesso a produtos especializados próximo. A análise, nas seções seis e sete, das transformações em curso no modo de produção capitalista, especificamente na indústria têxtil de fiação do estado do Ceará, se dará a partir do conjunto teórico analisado. Antes, porém, na seção seguinte, se faz necessário discorrer, embora com brevidade, sobre a cadeia produtiva têxtil para melhor compressão do assunto abordado.

### **A CADEIA PRODUTIVA TÊXTIL<sup>2</sup>**

Na cadeia produtiva, a indústria estreitamente está relacionada através de compras e vendas correntes, constituindo, quase sempre, nos principais mercados e/ou fornecedores das demais atividades participantes — Coutinho e Ferraz (1995) no Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira, faz crítica à cadeia produtiva têxtil em relação ao pequeno grau de integração existente, onde, segundo eles, praticamente inexistem processos cooperativos, de forma que os ganhos de produtividade derivados da especialização possam garantir melhores condições de competitividade aos participantes.

Ao analisar a cadeia produtiva têxtil na medida em que a concorrência capitalista das empresas depende do seu meio ambiente imediato, a arena concorrencial se amplia, deixando de ser apenas a dos mercados imediatos de vendas de mercadorias/serviços e aquisição de insumos, para também incorporar mercados a montante e a jusante da cadeia produtiva têxtil.

O macro complexo têxtil é formado por dois conjuntos de indústrias francamente articuladas: têxtil e vestuário e calçados. Isso se dá, principalmente, porque ambos têm a mesma função de consumo pessoal, além de possuírem estruturas de mercado e de comercialização semelhantes.

As principais atividades produtivas do complexo têxtil podem ser assim ca-

<sup>2</sup> A cadeia produtiva têxtil no Brasil congrega mais de 30 mil empresas e emprega aproximadamente 1,5 milhões de trabalhadores (1,7% da população economicamente ativa, ou 16,7% do total da força de trabalho alocados na indústria de transformação). O valor da produção em 2003 foi de US\$ 20,1 bilhões, equivalente a 4% do PIB total brasileiro e 17% do PIB da indústria de transformação, segundo a ABIT (Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção). Fonte: <http://www.global21.com.br/informessoriais/setor.asp?cod=11>

racterizadas:

- 1) Fiação — etapa constituída da manipulação da matéria-prima “natural, artificial ou sintética”, até a bobinagem do fio. Incluem tarefas com abridores de fardos, batedores, misturadores, alimentadores, cardas, passadores, penteadeiras, maçaroqueiras, filatórios, bobinadeiras “conicaleiras” e retorcedeiras. O produto final de uma fiação é sempre o fio cru, enrolado em cone.
- 2) Tecelagem — inicia o processo a partir dos fios produzidos nos filatórios, destinando-se aos teares, até a coleta do tecido e sua preparação para entrega. Desse modo, abrangem atividades com espuladeiras, urdineiras, engomadeiras de urdumes, teares e enroladeiras. O produto final de uma tecelagem é sempre tecido plano tingido ou não.
- 3) Malharia — representa as operações que vão desde a manipulação de fios/filamentos para entrada de teares de agulhas “circulares ou retilíneos”, até a obtenção do tecido de malha. O produto final de uma malharia é sempre malha “crua” ou “acabada”<sup>3</sup>.

Os fios podem ser produzidos a partir de fibras naturais - algodão, seda, lã entre outras, e sintéticas - químicas ou celulósicas - ou ainda da combinação entre elas. As indústrias de fiações são especializadas na fabricação de fios penteados e cardados, parafinados ou não, singelos e retorcidos, fios mistos e algodão/poliéster.

<sup>3</sup> Malha acabada, diz-se da malha tingida. Diferentemente da crua, que ainda na passou pelo processo do acabamento têxtil.

Tanto em relação à fiação do algodão quanto às fibras químicas cortadas, a capacidade de produção de uma fiação é especialmente determinada pelos filatórios, que podem ser classificados em três tipos básicos, diferenciando-se principalmente em relação à velocidade de produção, aos níveis de automação alcançados e à qualidade e espessura do fio produzido. Os principais tipos de filatórios são:

- 1) Filatórios de anéis — utilizam o princípio tradicional de estiramento do pavio de algodão conjugado com uma torção no fio. Este é extremamente versátil, uma vez que pode produzir fios de todos os títulos “espessura”, tendo incorporado avanços técnicos ao longo do tempo.
- 2) Filatórios de rotores — conhecido como open-end — são equipamentos que apresentam maior produtividade que a fiação por anéis, já que pode alcançar maior velocidade de produção, além de eliminarem etapas de fiação tradicional. Sua aplicação, contudo, limita-se à produção de fios mais grossos, sendo utilizado, principalmente, na produção de jeans.
- 3) Filatórios jet spinner — apresentam alta produtividade em relação aos demais, podendo ser utilizados para a produção de fios finos. Essa tecnologia é de desenvolvimento recente em nível mundial, sendo ainda pouco difundida no Brasil.

Os dois últimos tipos de filatórios apresentam “vantagens” comparativas, em relação aos convencionais, por propiciarem alta capacidade de produção, significativa diminuição do espaço físico das fábricas e eliminação de estágios de produção. Paralelo a tudo isso tem-se a redução na força de trabalho.

O complexo têxtil está interligado às indústrias químicas e petroquímicas, uma vez que alguns de seus principais insumos “fibras artificiais e sintéticas” são oriundas dessas indústrias. Sendo que, os complexos químicos, juntamente com a agroindústria, se apresentam os encadeamentos para trás — encadeamento do setor com outros complexos — relevantes desse processo produtivo.

Por suas características intrínsecas, esta cadeia produtiva se caracteriza por uma descontinuidade de operações cujo resultado de cada etapa origina o principal insumo da seguinte: beneficiamento de fibras naturais, fiação, tecelagem e acabamento de tecidos. Essa condição de linearidade aponta para pouco encadeamento do setor com outras cadeias produtivas, uma vez que, grande parte de sua produção se destina ao consumo intermediário dentro da própria cadeia, inclusive confecção onde adquire quase todos os insumos, indicando encadeamento para trás significativos apenas com o complexo químico e com a agroindústria (COUTINHO & FERRAZ apud BANCO DO NORDESTE, 1999:13).

### **A INDÚSTRIA DE FIAÇÃO**

A indústria têxtil é uma das mais tradicionais do país e sempre teve um papel importante na base produtiva nacional. Até o início da década de 1990, a indústria têxtil esteve protegida por barreiras alfandegárias, e com isso se mantinha de forma acomodada no mercado nacional cativo que se dispunha, com o processo de abertura econômica que vem ocorrendo no Brasil, a cadeia produtiva têxtil tem passado por intenso processo de reestruturação com o intuito de adaptar-se ao novo cenário competitivo internacional.

A competitividade da indústria têxtil está fortemente relacionada à modernização dos processos e da gestão da produção. A adoção de inovações em termos de utilização de equipamentos de base microeletrônica e de técnicas organizacionais reflete o estágio de desenvolvimento da empresa e sua competitividade. Em resumo, as inovações que a indústria têxtil vêm processando nos últimos 20 anos têm seguido dois rumos básicos: 1) aumento da complexidade das operações realizadas por cada máquina e 2) redução do número de operações distintas, ou pela fusão numa só operação de processos realizados anteriormente separado, ou tornando mais eficiente determinado processo, de modo que seja evitada a passagem por várias operações. Isto vem alterando a estrutura organizacional da indústria pelo aumento da velocidade das máquinas, gerando maior produção por máquina e operador (BANCO DO NORDESTE, 1999:16).

Tecnologicamente, a fiação foi o segmento da cadeia têxtil que mais avanços incorporou, registrando elevado incremento no grau de automação e na produtividade – essa produtividade é determinada pela velocidade da rotação dos filatórios – passando a caracterizar-se como indústria de capital intensiva. As novas práticas conferem inclusive, maior resistência ao fio, cabendo destacar o desenvolvimento da fiação a rotor e, mais recentemente o *jet spinner*.

Com a abertura econômica iniciada no princípio da década de 1990 acelerou as importações brasileiras. Esse novo ambiente obrigou a indústria têxtil a procurar melhorias substanciais no incremento da qualidade e produtividade. Nesta fase, algumas manufaturas foram excluídas, por ineficiências e defasagem tecnológica.

Para uma melhor compreensão do setor têxtil naquele período, deve-se informar que o peso do complexo têxtil no PIB nacional reduziu-se em 48% entre 1990 e 1996. Esse comportamento foi basicamente explicado pela evolução da mais importante base do complexo, o algodão, que representa cerca de 90% das fibras naturais utilizadas no país. De grande exportador de algodão beneficiado e fios, o Brasil passou a grande importador, devido, principalmente, à praga do bicudo no final da década de 1990 e à eliminação do imposto de importação, em 1990. Ademais, o parque têxtil nacional, em particular na tecelagem, encontrava-se bastante obsoleto, favorecendo produtos concorrentes importados, principalmente tecidos sintéticos. Nessa cadeia, também ocorre o maior aumento do coeficiente de penetração de importados (HAGUENAUER et al., 2001:11).

No Ceará, a primeira aproximação do “objeto”, mostra que a indústria têxtil possui características que se destacam no conjunto da indústria local: existe grande dependência com relação aos mercados externos, no que se refere à compra de matéria-prima, bem como na comercialização do produto; o segmento têxtil cearense é responsável por dezoito mil empregos diretos (GAZETA MERCANTI, 1999:125) e aproximadamente quarenta mil indiretos; o Estado é o segundo maior importador de algodão do País; posição idêntica no que se refere ao pólo têxtil Nacional (desbancou Minas Gerais, ficando atrás somente do estado de São Paulo); possui faturamento anual de dois bilhões de dólares, representando 16,5% do PIB estadual; paga um total de R\$ 110 milhões de ICMS/ano (SAMPAIO, 1997:630).

É também a primeira do País em termos de modernização, possui vinte e duas unidades fabris, produz cento e quarenta mil toneladas/ano de fios, malhas,

tecidos, índigos e jeans; consome 44% de toda energia do Estado (SAMPAIO, 1997:630), estando em franco desenvolvimento, principalmente as malharias e as confecções. Dez Indústrias têxteis locais já implantaram a ISO 9002, ou estão em fase final de implantação.

As exportações de produtos têxteis ocupam hoje uma posição de destaque na balança comercial cearense, sendo responsáveis, juntamente com o setor de calçados e da castanha de caju, pela quase totalidade das exportações por via marítima.

Para além da percepção imediata (empírica) faz-se necessário estabelecer a mediação para desvendar a dinâmica da acumulação no setor têxtil. A lógica espacial dessa indústria indica primeiramente que, com relação ao trabalho e a gerência acontecem tentativas de novos modelos de gestão da força de trabalho, através de inovações organizacionais voltados para realizar uma nova captura da subjetividade operária pela lógica do capital, capaz de promover uma nova racionalização do trabalho e manipular o consentimento operário.

O complexo de reestruturação produtiva sob a mundialização do capital, cujo momento predominante é o toyotismo, não passa pelo esgotamento do padrão de organização do trabalho intensivo baseado nos princípios taylorista-fordista, havendo a persistência do trabalho vivo no interior do seu processo de produção.

Até o início dos anos 1990, a indústria têxtil brasileira, e a cearense não foi exceção, esteve protegida por barreiras alfandegárias, e com isso se mantinha de forma “acomodada” no mercado nacional cativo que dispunha. Todo esse

cenário é alterado com o processo irreversível de abertura econômica desencadeado no final do século XX, pela globalização do capitalismo. Também influíram para modificar radicalmente o setor têxtil o Plano Real em 1994, as sucessivas crises internacionais, que tanto pressionaram a estabilidade interna, culminado com a desvalorização do câmbio em 1999. Para se ter uma idéia, as importações de têxteis nacionais no período de 1990 a 1996 aumentaram cerca de 400%, enquanto as exportações do setor apresentaram ligeira queda no período (BANCO DO NORDESTE, 1997:23).

Esse novo ambiente obrigou as indústrias têxteis cearenses a procurarem melhorias substanciais no incremento de qualidade e produtividade, como único meio de sobrevivência, já que os preços passaram a ter ditames do mercado. Nessa fase, houve exclusão de empresas ineficientes e tecnologicamente defasadas. As empresas passaram a adotar estratégia defensiva – entenda-se, principalmente, como redução da força de trabalho – visando enfrentar a recessão baseadas em custo e diferenciações, mas de caráter ofensivo, voltadas para o novo cenário de concorrência acirrada.

O resultado da competição externa para a indústria têxtil do estado do Ceará foi de depressão e crise. As indústrias montam estratégias protecionistas, inovam, buscam adquirir novos conhecimentos, absorvem as novas formas de organização do processo de trabalho. Buscam a todo o custo a recuperação da capacidade competitiva. Promovem a reestruturação produtiva.

O baixo custo da mão-de-obra, disponível e treinada com recursos públicos, combinado com os incentivos fiscais e financiamentos ao capital fixo para o investimento no Estado, complementando com o fornecimento por parte do

Governo local de infra-estrutura — cedendo terrenos onde se instalariam as fábricas, isenção de Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) e ainda pagando conta de água e luz e por vezes até de telefone (é importante esclarecer que estes incentivos não se limitaram às empresas instaladas na Região Metropolitana de Fortaleza). Tudo isto figurou como fator de atração industrial, nos anos 1990, de grupos de outras regiões do país e com perfil diferenciado, como por exemplo, o grupo Vicunha e Marisol. Os empresários locais também beneficiados são impelidos a investirem, instalando algumas empresas têxteis de porte significativo no Ceará: Fiotex, Micrel, Jaguatêxtil, Fitesa, CTN, Marcotex, Tebas, Aurora Têxtil, Cotefor, Lerma do Nordeste, Santa Rita, Servitêxtil, Filati Malhas, TBM Unidade III e Haco Etiquetas, no total de dezessete fábricas, entre empresas pertencentes a empresários local e nacional.

Exemplo dessa prática foi os incentivos oferecidos para instalação, no segundo semestre de 1997, no Distrito Industrial de Maracanaú-CE, da Companhia Têxtil do Nordeste (CTN), que garantiu isenção do Imposto de Renda por 10 anos e incentivos do Fundo de Desenvolvimento Industria do Estado do Ceará (FDI), através do Provir — atualmente, 70% da produção da CTN é vendida para indústrias de confecções do Sul e Sudeste e 30% são absorvidos pelo mercado local<sup>4</sup>.

O espaço do estado do Ceará passa a ser exportado. Importam-se empresas têxteis para o solo cearense. Impõe-se de fora, não somente em nível Nacional, mas muitas das vezes de exterior do País, o que deve ser a produção, a circula-

<sup>4</sup> Fonte: GUSMÃO, Marcus. *Área têxtil acelera desenvolvimento no Ceará*. Outubro. 2000. [http://www2.uol.com.br/JC/cadenosdonordeste/ne2710\\_13.htm](http://www2.uol.com.br/JC/cadenosdonordeste/ne2710_13.htm).

ção e a distribuição dentro do Estado. Rompendo a divisão interna do trabalho com o reforço de uma divisão internacional do trabalho que determina como e o que produzir e exportar. Neste novo momento não interessa a vontade do lugar, mas sim, do capital nacional ou ainda internacional, é a unicidade técnica. O centro de decisão é fora do local de produção.

Neste período não resolvido e problemático, durante e pós-década de 1990, as rápidas transformações provocadas pela globalização e pela reestruturação produtiva alteraram profundamente o mercado e as relações de trabalho, a organização, a gestão e as estratégias empresariais. O novo paradigma associa tecnologias e estratégias empresariais de ponta com formas precárias de utilização da força de trabalho.

O cenário mundial da concorrência capitalista, passa a ser realidade para as indústrias têxteis do Ceará, devido à abertura comercial abrupta e desregulada promovida pelos governos neoliberais de Collor a Cardoso, que se aproveitam do panorama internacional propício para a retomada dos fluxos financeiros internacionais para o país. É a partir deste contexto que ocorreu uma verdadeira onda de produtividade e qualidade nos setores industriais brasileiro e no Ceará não foi diferente.

Por um lado à abertura foi positiva porque estimulou a competitividade das empresas nacionais, acelerou a redução de preços, tornou mais ágil a fabricação de novos produtos e permitiu a importação final de bens de capital, produtos tecnologicamente sofisticados, por outro, os reflexos de cunho social também foram elevados, principalmente no que se refere ao desemprego, decorrente do processo de reestruturação das empresas.

O novo cenário mundial da concorrência capitalista exigiu investimento em capital intensivo, por meio de novas tecnologias na produção, principalmente a base da microeletrônica, como também, e principalmente, em novos padrões de gestão da produção capitalista. Trata-se de um novo complexo de reestruturação produtiva cujo “momento predominante” é o toyotismo (ALVES, 2000).

Mais intensamente do que em qualquer outro tempo da história o problema da produtividade e da competitividade é visível na indústria brasileira em geral, e na têxtil cearense em particular. Aumentar a qualidade, a precisão e a flexibilidade da produção passou a ser determinante na busca dos novos padrões internacionais de competitividade. Preserva-se a superexploração do trabalho.

Cortes em níveis hierárquicos, treinamento comportamental de gerentes, chefes, supervisores, líderes, enfim de todos aqueles que detém alguma parcela de nível na hierarquia da empresa. Achatamento da divisão piramidal administrativa, com o corte no número de chefes e departamentos. A busca constante do envolvimento do operário, participação nos lucros e resultados, visando estimular os trabalhadores no alcance das metas. São características do momento atual no cenário das indústrias têxteis cearenses.

Os certificados de Qualidade da série ISO 9000, não são apenas exigências necessárias para obter mercados para exportação (sem estes certificados fica muito difícil fazer negócios com empresas americanas, e praticamente impossível vender para o mercado europeu), mas uma das exigências para competir nos mercados regionais. Neste intuito empresas têxteis cearenses, como: o grupo Vicunha, Têxtil União, Têxtil Bezerra de Menezes, Cotece S/A, entre outras,

investem neste sentido e obtém a certificação da ISO 9002, sendo a Cotece S/A, também possuidora da certificação da ISO 14001 – Sistema de Gestão Ambiental.

Fusões de empresas e formação de *joint venture*<sup>5</sup>, são exemplos também destes novos tempos ou novas formas para superação ou fortalecimento das indústrias quando da transição para o mercado globalizado. Estas alianças estratégicas têm vindo a alterar drasticamente as regras de funcionamento dos mercados e, sobretudo, algumas das posições de lideranças de mercado existente. No Ceará podem-se citar o Grupo Vicunha, antes detentora de 50% das ações da Finobrasa, passa a ser possuidora de 100%. O mesmo grupo, Vicunha, compra a Têxtil Dunas, hoje Elizabeth Têxtil ou Vicunha V, antes pertencente ao Grupo cearense Machado Jereissati. Em 1997 a Fiação Jangadeiro e a Têxtil Baquit, ambas se fundiram na Tebasa e, no ano de 2001, a Cia. Ceará Têxtil foi incorporada a Fiotex — estas ultimas todas pertencentes a industriais autenticamente cearenses.

Com a mudança na legislação ocorrida no início dos anos 1990 — onde, predominou a retórica neoliberal da: produtividade, lucratividade, competitividade, a abertura comercial, a desregulamentação, entre outros —, obrigou as indústrias têxteis brasileiras à rápida implementação de ajustes defensivos para sobreviverem ao novo momento econômico: flexibilização nos tipos de produtos industrializados, investimentos em tecnologias, busca de novos mercados para comercialização de insumos e produtos.

<sup>5</sup> É quando a empresa junta-se com outra para ficar mais forte, mais competitiva.

## A EMPRESA CASO

A fiação pesquisada foi fundada no ano de 1982 e concentrou suas atividades na fabricação de fio em filatórios de anéis. Na época em que foi objeto deste trabalho contava com contingente de 530 trabalhadores, entre planejadores e executores.

A partir do ano de 1998 como parte de sua estratégia industrial para sobreviver à crise estrutural, já abordada, da década de 1990 diversifica a produção. Esta diversificação produtiva se dá no estado da Bahia, mais precisamente na cidade de Valença, com o segmento de tecelagem.

A unidade industrial adquirida com o intuito de verticalizar a produção foi, entre outros motivos, o de melhor aproveitar os desperdícios de matéria-prima — estes desperdícios são conhecidos na área têxtil como subprodutos — gerados durante o processo produtivo. Pois o padrão de qualidade da principal matéria-prima do segmento de tecelagem, no caso o fio, uma vez fornecido de empresas do mesmo grupo, obedece aos padrões de qualidades exigidos.

Outro fator gerador da verticalização na Fiação Ceará foi proporcionar, ao setor produtivo da fiação, uma nova opção para superação de crise quando das dificuldades de comercialização do fio. Finalmente, aproveitou-se também da política de incentivos fiscais proporcionados pelo governo baiano.

Ocorre que, a empresa pesquisada não é um caso isolado. A indústria têxtil nordestina tem avançado no sentido de sua verticalização produtiva, principalmente no contexto da cadeia produtiva fiação e tecelagem. Citam-se como exemplos de integração do setor têxtil no Nordeste, além da empresa caso, a

FIBRASIL (PE), a LUM'S (CE), a COTEMINAS (PB e RN) e a Jangadeiro Têxtil S.A.

Deve-se também levar em consideração que do ponto de vista da produção, portanto, independente do espaço físico ocupado pelo parque fabril, algumas características de seus processos e produtos dão ao complexo têxtil uma flexibilidade difícil de ser igualada em outras indústrias: a) os produtos finais resultam, em geral, de seqüência linear de atividades — beneficiamento, fiação, tecelagem e confecção; b) cada uma delas é passível de realizada eficientemente em pequenas ou grandes unidades e de maneira especializada ou com graus diferenciados de interação vertical (HAGUENAUER apud BANCO DO NORDESTE, 1999:12).

O microcomplexo têxtil/vestuário é um dos que apresenta maior grau de integração vertical na cadeia produtiva industrial. Do fornecimento de fibras até a tecelagem, é comum a integração vertical em uma mesma fábrica ou em fábricas próximas de um mesmo grupo. Calcula-se que 64% das empresas sejam verticalizadas, sendo as integrações mais comuns entre fiação/tecelagem/beneficiamento e/ou fiação/malharia/confecção. Devido à heterogeneidade técnico-organizacional deste complexo, não existe, entretanto, um padrão de verticalização definido (SOARES, 1994, citado por HAGUENAUER et al., 2001: 29).

A grande maioria das indústrias de malharias constitui-se unidades produtivas de grupos de empresas que atuam em mais de uma etapa produtiva do complexo têxtil, em geral, envolvendo fiação/tecelagem/malharia. Essa verticalização permite uma sensível melhora no padrão de qualidade da princi-

pal matéria-prima do segmento de malharia, no caso o fio, uma vez que se consta que o fornecimento decorre de empresas do mesmo grupo, obedecendo aos padrões de qualidade exigidos.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Evidenciou-se que, com graus diferenciados de interações, a indústria têxtil tem avançado no sentido de sua verticalização produtiva. Isto ocorre, principalmente, devido algumas características de seus processos e produtos possuírem em seus interstícios flexibilidade difícil de ser igualada em outras indústrias que na atualidade, praticam o inverso, ou seja, a desintegração vertical da produção.

Esta estratégia empresarial, ou seja, a diversificação produtiva é característica comum na indústria têxtil. A verticalização da produção, entretanto, não obedece a um padrão definido. Há grandes empresas atuando desde a produção de matérias-primas até o segmento de confecções, enquanto outras operam em um, dois ou mais segmentos.

No que se refere especificamente ao segmento de fiação, essa mesma tendência é observada. Sendo as integrações mais comuns deste setor com a tecelagem/beneficiamento e/ou com a malharia/confecção. Isto ocorre devido à heterogeneidade técnico-organizacional deste complexo, não existindo, entretanto, um padrão de verticalização definido.

Finalmente, a Fiação Ceará verticalizou a produção em busca de: melhor aproveitar os desperdícios de matéria-prima gerados durante o processo produtivo; proporcionar, ao seu produto intermediário da cadeia têxtil, uma nova op-

ção para superação de crise quando das dificuldades de comercialização; e por fim, mas não menos importante, aproveitou-se da política de incentivos fiscais proporcionados pelo governo baiano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGLIETTA, M. (1976). *Regulación y crisis del capitalismo*. México: Siglo Veintiuno,
- ALVES, G. (2000). *O novo (e precário) mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo*. São Paulo: Boitempo.
- ANTUNES, R. (1999). *Adeus ao trabalho: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 6ª ed. Cortez/Editora da UNICAMP. Campinas, 1999.
- ARAGÃO, E.F. (coord.). (2002). *O fiar e o tecer: 120 anos da indústria têxtil no Ceará*. Fortaleza: SIDITÊXTIL / FIEC.
- BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. (1997). *Competitividade da indústria têxtil do Nordeste*. Fortaleza: Escritório de Estudos Econômicos do Nordeste — ETENE.
- BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. (1999). *O segmento de malharias da indústria têxtil do Nordeste*. Fortaleza: Banco do Nordeste.
- BENKO, G. (1996). *Economia, espaço e globalização: na aurora do século XXI*. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Hucitec.
- BRAVERMAN, H. (1987). *Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX*. Tradução Nathanael C. Caixeiro. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora.
- CORIAT, B. (1994). *Pensar pelo avesso: o modelo japonês de trabalho e organização*. Rio de Janeiro: Revan UFRJ.

- COSTA, M.A.B. (2005). *Espaço e trabalho na indústria têxtil cearense*. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia) – Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 174 p.
- COUTINHO, L.G. & FERRAZ, J.C. (coords.). (1995). *Estudo da competitividade da indústria brasileira*. 3ª ed. Campinas, SP: Papirus, editora da Universidade Estadual de Campinas.
- GAZETA MERCANTIL. (1999). *Panorama Setorial*. Vol. I, II, III e IV. São Paulo: novembro.
- HAGUENAUER, L., BAHIA, L. D., CASTRO, P. F. & RIBEIRO, M.B. (2001). *Evolução das cadeias produtivas brasileiras na década de 90. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA*. [http://www. Ipea.gov.br](http://www.Ipea.gov.br)
- HARVEY, D. (1993). *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 2ª ed. São Paulo: Editora Loyola.
- KUMAR, K. (1997). *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- LIPIETZ, A. (1988). *Miragens e milagres: problemas da industrialização do terceiro mundo*. Tradução de Catherine Marie Mathieu. São Paulo: Nobel.
- SAMPAIO, D. (1997). *Anuário do Ceará 96/97*. Fortaleza: Empresa Jornalística O Povo.
- TEIXEIRA, F. J. S. (1998). Modernidade e crise: reestruturação capitalista ou fim do capitalismo? In: OLIVEIRA, M. A. (orgs). *Neoliberalismo e reestruturação produtiva: as novas determinações do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez, Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, pp. 50-67.
- YIN, R. K. (2001). *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman.